

1.583

1-4-75

**A triste história da integração indígena (II)**

O quadro geral do problema dos nossos índios talvez possa ser resumido pela frase do cacique Apoena a Francisco Meireles, quando da pacificação da aguerrida tribo Xavante, em 1946: "Agora, Chico, está tudo muito bom e bonito. Mas, o que virá por trás disso?" Meireles, por sua vez, disse ao repórter Mario Chimanoitch que, no fundo, "a solução do

problema do índio brasileiro seria a de não se tocar nas terras que lhe pertencem." — A nossa responsabilidade — afirma Meireles — tem sido criminosa, omissa. O indígena, a troca de bugigangas, praticamente destrói a sua personalidade, toda a sua cultura, apesar de antropólogos, sertanistas e técnicos que tentam soluções para esse impacto

**De 4 milhões em 1500 a 200 mil pobres guerreiros**

Mário Chimanoitch (texto e fotos)



O antropólogo suíço René Fuerst, um dos integrantes da missão inglesa da Aborigens Protection Society — Sociedade de Proteção ao Aborigene — que ora se encontra no Brasil realizando um levantamento de âmbito nacional, à convite oficial, sobre a situação do índio, é um homem que conhece o problema em profundidade, tendo, inclusive, convivido por algum tempo com algumas tribos e publicado inúmeros trabalhos no exterior, inclusive a famosa *Bibliografia Para um Genocídio*. Quando nos encontramos, acidentalmente, em Rondônia, numa noite em que regressávamos da visita a algumas aldeias da região, o antropólogo, como que tomado de profundo desânimo, revelou, antes mesmo de concluir a missão que o tinha novamente trazido ao Brasil, juntamente com Edwin Brooks, John Hemming e Francis Huxley, "que o único índio em condições de sobreviver física e culturalmente em face da situação que lhe tem sido imposta, é o xavante."

Acredito, francamente, que René Fuerst tenha exagerado. Mas a sua observação não é totalmente desprovida de fundamento. Com efeito, o xavante é o único índio, depois de mais de 20 anos de pacificação, que guarda integralmente um forte apego às suas tradições culturais somadas ainda a uma latente vocação para a luta. Ele, durante todos esses anos, reagiu a todas as investidas feitas no sentido de uma violentação cultural. E ainda hoje, não hesita em ir a guerra para defender as suas terras, atualmente ameaçadas por alguns projetos agropecuários. E vai defendê-las violenta e orgulhosamente se necessário for.

Basta lembrar os últimos acontecimentos verificados em Pimentel Barbosa, Couto Magalhães e Areões. Eles estão francamente dispostos a expulsar os invasores de suas terras e continuam reclamando com insistência a demarcação de suas reservas, o que lhes foi prometido por Francisco Meireles — o seu pacificador — em 1946.

E desde essa data, os orgulhosos xavantes têm ouvido, com paciência exemplar, as promessas de que suas terras seriam demarcadas e respeitadas pelo homem branco. É bastante conhecido o fato de que, logo após a pacificação, Apoena — o mais famoso chefe guerreiro xavante — ter dito a Francisco Meireles, no momento em que recebia deste os presentes como prova de amizade, a seguinte frase, em sua língua: "Agora, Chico, está tudo muito bom e bonito. Mas, o que virá por trás disso?"

**"Uti possidetis"**

Ao que tudo indicá, apesar das pressões que os xavantes têm feito, incendiando algumas propriedades de fazendeiros, principalmente no rio das Mortes, as reservas destinadas a esses índios, a menos que os transfiram para outras áreas, demorarão bastante a serem efetivadas.

Em Pimentel Barbosa, por exemplo, uma das áreas reclamadas por eles, existe um projeto agropecuário de propriedade de 25 médicos goianos, que adquiriram ali, através da influência de políticos do Estado na área federal, terras com a extensão de 30 mil hectares. O projeto, que já tem, inclusive, financiamento oficial da ordem de Cr\$ 500 mil, compreende três fazendas onde se localizam as aldeias xavantes.

Em Areões, onde a situação é mais tensa, em terra que os xavantes reclamam como sendo de sua propriedade, o que não deixa de ser um legítimo anseio, pelo menos historicamente, anotei vários projetos, com financiamento do Banco do Brasil que tem a particularidade de dispensar certidões da Funai, atendendo ou não a presença de agrupamentos indígenas no local.

Eis a relação: Antônio Ragiotto — área de 5 062 hectares — financiamento do Banco do Brasil, pela Agência de Marília, em São Paulo; Valdemar e Ibrahim Ragiotto — área de 4 840 hectares — financiamento do Banco do Brasil, agência de Bar-

ra do Garça, Goiás; Antônio Ribas de Andrade — área de 480 hectares — Banco do Brasil, também de Barra do Garça; Aderbal Luis Arantes — área de 29 040 hectares — recursos próprios; União Sogaúcha ou Fazenda Dois Corações — área de 35 500 hectares e financiamento também do Banco do Brasil.

Diante disso, a explicação mais lógica é evidenciada pelos próprios fatos em questão. Se a área está sob a ação de projetos em franco desenvolvimento, como, então, demarcar as reservas de acordo com as exigências dos xavantes?

Há pouco mais de duas semanas, em Couto Magalhães, uma propriedade foi atacada. Em Areões existem fazendeiros apavorados diante da perspectiva de morte e de destruição de seus patrimônios. Os xavantes reclamam que o gado simplesmente afugenta a caça (que garante a sua sobrevivência) já bastante escassa.

Esses índios, que em outros tempos guerreavam até mesmo entre si, têm, como já disse, forte vocação para a luta. Agora, as aldeias de Pimentel Barbosa, Couto Magalhães, Areões e Sangradouro estão unidas em torno de uma causa comum. São milhares de índios. Cabe, nesse caso, à Funai, também a última palavra.

**Degradação**

Deixando os xavantes diante da perspectiva de uma nova guerra, retornei a Cuiabá pretendendo ir verificar as condições em que vivem os pacíficos bororós, índios muito queridos de Rondônia e que, segundo informaram-me, estavam sendo praticamente dizimados pelo álcool e pela tuberculose, sobrevivendo em condições inumanas.

Os bororós, que se constituíram numa das maiores tribos do Brasil Central, cujo território atravessava do centro de Mato Grosso, indo das fronteiras com a Bolívia até o Triângulo Mineiro, estão hoje reduzidos a pouco mais de 500 indivíduos dominados, quase que totalmente, pelo alcoolismo.

Assim, resolvemos fazer uma visita a um dos aldeamentos localizados às margens do rio Tatumã, bem próximo ao centro urbano de Rondônia, a pouco mais de 200 quilômetros da capital de Mato Grosso.

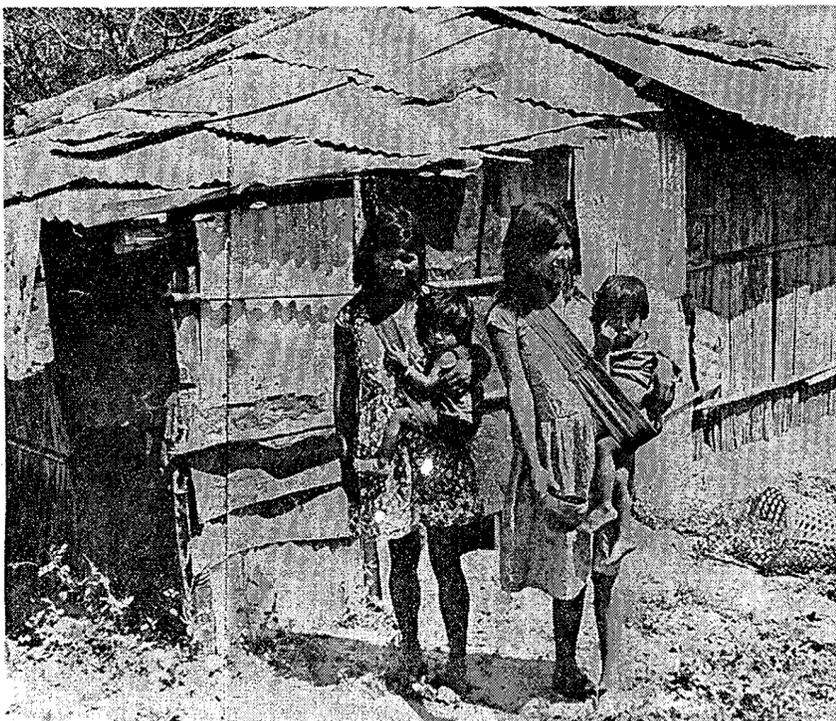
A tribo, não mais que 30 indivíduos esfarrapados e com fome crônica, que só têm, como constatei, um único objetivo em toda a sua miserável vida: conseguir meios para comprar a ração diária de aguardente, necessária ao seu vício.

Vivem em casebres imundos e infectos, que chegam a fazer um contraste irônico com a bem cuidada residência do encarregado do posto de nome Orlando que, no dia de minha visita, não se encontrava no local.

Por uma acidentada estradinha, que passa pelo interior de uma fazenda de propriedade de um sírio, bem dentro da reserva, ou vice-versa, topei com uma típica família bororó: marido, mulher, filho (de quatro anos de idade no máximo) e cunhados. Cobertos de andrajos e com sacos às costas, mais se assemelhavam aos catadores de papéis do Rio e São Paulo. Esses zumbis, que se diferenciam dos catadores por trazer um sorriso perene e meio enlouquecido nos lábios, levavam, cada um, a sua garrafa de cachaça, conseguida com extrema facilidade em qualquer bar ou armazém de Rondônia.

Pediram-me logo cigarros e dinheiro, "para comprar comida, estamos com fome" e, sem nenhum constrangimento, resolveram dar início a um espetáculo que primou aos meus olhos como horror e degradação: começaram a ingerir a aguardente como se fosse água ou um simples e adocicado refresco, em gotadas tais que fariam inveja a qualquer inveterado alcoólatra urbano. E como se estivessem a disputar um torneio, apostavam entre si para ver quem conseguia beber a maior quantidade de cachaça no menor tempo possível, diante dos olhos assustados do menino.

Mais tarde, em Rondônia, em conversa com alguns comerciantes melhor intenciona-



*Não se trata de janeladas de um centro urbano. São índias nhambiquaras, transferidas do vale do Rio Guaporé para as margens da Rodovia BR-364*

dos, que não vendem a bebida a índio, fiquei sabendo que, na falta de aguardente, os bororós valem-se do seguinte expediente: compram álcool nas farmácias, adicionam-lhe água e o bebem como se fosse cachaça.

Esses índios, pelas suas condições de vida — vício e fome, além da tuberculose que é crônica e mata impune — vivem como se fossem verdadeiros párias no melhor estilo hindu.

Roubam e matam pelo álcool. O assassinato do funcionário da Funai Justino Ferreira de Lima, no ano passado, é exemplo típico dessa situação. Justino pretendia erradicar o vício do grupo de que era encarregado. Negou-lhes álcool farmacêutico. Sua mulher está grávida e, informaram-me, está passando por sérias dificuldades.

O caso das terras dos bororós, outro capítulo a parte em toda a sua miserável história, é um dos maiores escândalos de Mato Grosso, envolvendo governadores, políticos, banqueiros, muita gente.

Para os assassinos de Justino Ferreira de Lima, a Funai tem a solução certa: Crenaque, o campo de reeducação para índios, que funciona no município do mesmo nome, em Minas Gerais.

**A preocupação**

Enquanto antropólogos, sertanistas, religiosos e técnicos ligados ao problema do índio formulam teorias e soluções para amenizar os impactos, quase sempre desastrosos, que o contato com a civilização exerce sobre toda uma estrutura sociocultural do índio, o que vi, por quase todo o Brasil, foi uma contínua desmistificação daquilo que se convencionou denominar como Política Indigenista.

As ressalvas, no entanto, devem ser feitas. Existe e sempre existiu nos quadros do antigo Serviço de Proteção aos Índios, bem como na atual Fundação Nacional do Índio, gente abnegada que não hesitou em sacrificar suas vidas e carreiras em nome de um ideal.

Convém lembrar, contudo, que o Governo, agora, tem se mostrado bastante interessado em acabar de uma vez por todas com as especulações que têm sido feitas em torno do nosso índio, principalmente através da imprensa europeia. A presença da Aborigens Protection Society no Brasil é prova cabal disso. Os quatro antropólogos foram oficialmente convidados pelo Itamarati para realizar um le-

vantamento de âmbito nacional, e estão munidos de salvo-condutos para visitar locais jamais conhecidos por qualquer jornalista ou observador.

**As influências**

Quando Cláudio Vilas-Boas definiu o índio, em seu diário, "como uma pequenina ilha humana, cercada de inimigos por todos os lados", ele não estava exagerando. A época do descobrimento, nossos índios, segundo cálculos de estudiosos, eram mais de quatro milhões de indivíduos. Hoje, são menos de 200 mil.

Muitas causas têm contribuído para que a população indígena brasileira venha diminuindo de ano para ano. Alguns antropólogos apontam as seguintes razões para esse extermínio: o erro tático das missões ao lidar com os índios; a falta de elemento humano qualificado para exercer esse tratamento; a falta de dinheiro; os interesses políticos; o contato com as frentes pioneiras; a invasão sistemática das terras indígenas — desarticulando a vida tribal e gerando a escassez alimentar — o contágio endêmico (gripe, sarampo, tuberculose, doenças venéreas); a mistura com outras raças e, por fim, as guerras intertribais.

Já houve época no Brasil em que particulares exterminavam índios jogando bombas sobre suas aldeias ou fornecendo comida envenenada. Hoje, os tempos mudaram, é verdade. Mas o indígena continua a ser inexplicavelmente dizimado pelas epidemias e pelos vícios, sem que os programas de preservação surtam os efeitos desejados.

De um lado existe o missionário religioso, preocupado em dar ao índio um Deus menos severo, numa demonstração de violentação cultural. No outro, existe o cientista que defende a tese de que o índio deve permanecer índio para sempre, sem ser corrompido por todos os males trazidos pela civilização. Há ainda aqueles que preconizam a necessidade de o selvagem ser integrado o mais rapidamente possível, pondo-se-lhe às mãos todos os instrumentos necessários para que essa transformação se efetive de maneira ainda que brutal. "Precisamos salvar o índio" — gritam em coro.

O padre jesuíta e antropólogo Adalberto Holanda Pereira, vice-presidente do Conselho Indígena Missionário, define taxativamente a questão:

— O que transforma o sistema social indígena não é a adoção de instituições estranhas, mas a paulatina destruição de suas estruturas. As mudanças são mais de dentro para fora, do que de fora para dentro. O mais revolucionário nas mudanças culturais é a transformação de sociedades fechadas em sociedades abertas, trazendo como corolário logo a mudança de divisão de trabalho, a individualização econômica e o aparecimento de instituições vinculadas ao mundo de fora

E adverte: — Cuidado o agente aculturativo que a integração do índio não se processa através e a custo da desintegração do grupo.

Padre, o professor Adalberto Holanda Pereira manifesta-se de maneira clara e objetiva a respeito da catequese religiosa:

— É notório o apego do índio a seus valores religiosos. A catequese cristã não solapa os fundamentos da religião tribal, enquanto se apoiar no conjunto de suas instituições. Uma catequese eficiente e inteligente exige do missionário grande conhecimento da língua e do mundo religioso do grupo que se propõe catequisar. Do contrário, expõe-se ao perigo de desenvolver atividade altamente nociva ao mesmo grupo, sobretudo gerando traumas psíquicos na mente do índio. Além disso, é capital que a catequese respeite as diversas culturas dos grupos tribais, ajudando-as a evoluir de acordo com as suas características próprias. Como solucionar, como salvar.

Pacificador de grupos de Xavantes, Gaviões, Macurapes, Calapós, Facaas-Novas, Caripunas, Massacais e outros tantos índios ao longo dos seus mais de 30 anos de serviços prestados ao SPI e à Funai, o sertanista Francisco Meireles, com 64 anos de idade e pai do não menos famoso Apoena de Meireles, afirma, melancolicamente, que, "enquanto o Governo não resolver o problema social de milhões de brasileiros, não irá, certamente, solucionar o dos índios".

Apesar de parecer bastante pessimista, Meireles crê que tem razões de sobra para pensar assim, principalmente quando ele se recorda, quase às lágrimas, dos xavantes que pacificou em 1946, "um povo valente, ativo e muito orgulhoso de suas tradições".

— Hoje, quando vejo esses índios lutando por uma terra que sempre foi sua, onde os encontro pela primeira vez, autênticos como sempre permaneceram, não posso deixar de entristecer-me — desabafa o velho sertanista, que diz acreditar que

as melhores intenções não irão minimizar os efeitos negativos do contato de brancos com índios:

— É preciso muito trabalho, isto sim. Revela que o Serviço de Proteção aos Índios, marcado, sobretudo, pela presença de homens românticos e idealistas, não pode ser virtualmente acusado por crimes que, em verdade, não cometeu:

— De modo geral, o SPI teve a sua época áurea quando foi orientado por oficiais da Comissão Rondon, de 1910 a 1930. Nunca houve, contudo, a preocupação de criar novos quadros para o futuro. Esses homens foram morrendo e o serviço com eles.

Em toda a história do serviço, Chico Meireles é o homem que detém o maior número de pacificações, razão pela qual foi apelidado como "o maior malfeitor do SPI".

— É uma brincadeira do Noel Nutels, que considera a atração do índio ao contato civilizado verdadeiro crime. Mas, mesmo diante disso tudo, o que não seria do índio, se não fossemos nós os primeiros a fazer tal contato, amenizando o choque?

A tese do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, bem expressada no seu livro *A Sociologia do Brasil Indígena*, em que indaga se "estará a Fundação Nacional do Índio tecnicamente habilitada para minimizar os efeitos da abertura da estrada, bem como da instalação de empresas estimuladas pela política econômica coordenada pela Sudam?", Chico Meireles, responde sugerindo que a única solução para esse impasse seria a efetiva criação das reservas indígenas "e mantendo-se por elas o devido respeito legal".

— Depois de criadas, pônciar aquelas áreas, e na medida em que o índio for solicitado, nós atenderemos às suas exigências. Enfim, deixá-lo no seu habitat e assisti-lo de fato sem maiores interferências no seu modus vivendi. No SPI julgava-se, erroneamente, que o índio jamais deveria trabalhar para assegurar a sua manutenção. Devemos, repito, assistir o índio e dar-lhe condições de sobrevivência, seja na elaboração de uma agricultura racionalizada, seja por quais outros meios se fizerem necessários.

Sobre a Fundação Nacional do Índio, o velho sertanista é taxativo, ao expor seus pontos de vista:

— Falta na Funai um conselho de homens honestos e leais, com a experiência de sertão. Esses homens deveriam funcionar como uma espécie de assessoria técnica à presidência, que é bem intencionada, mas mal informada dos verdadeiros problemas que vêm ocorrendo sob a sua administração.

Esse conselho — prossegue Chico — não teria a incumbência de elaborar uma política paralela à da presidência, como quiseram alguns em sua interpretação falha. Ele seria uma espécie de órgão assessor, nada mais do que isso, devendo ser ouvido e com a atribuição de esclarecer a cúpula. Enfim, acho que a solução do problema do índio brasileiro resume-se em não tocar nas terras que lhe pertencem. A nossa responsabilidade no problema tem sido criminosa, omissa. O índio se aproxima, impressionado com o nosso aparato, pedindo-nos que o transformemos num civilizado. No fim, resta o que você viu, o que nós sabemos: o indígena, a troca de bugigangas, praticamente destrói toda a sua personalidade, toda a sua cultura. E' nessa política que o SPI fracassou e a Funai também, está incorrendo nos mesmos erros, apesar das boas intenções.

O sertanista afirma que não houve, e nem há, um esforço sério, em nenhum campo específico, no sentido de se integrar, efetivamente, o índio:

— O maior erro do SPI foi a sua descontinuidade administrativa, é o que vem acontecendo na Funai, ainda que em menor escala. Faz falta um plano diretor de trabalho, o que seria fundamental; mesmo que ocorressem mudanças, os sucessores não se perderiam no complexo.